

A LINGUAGEM SIMBÓLICA DO MAL – UMA REFLEXÃO DE SENTIDO

VANDERLEI CARNEIRO¹

O mal não é uma coisa a que o homem se contrapõe, mas ele se inscreve no elemento de sua liberdade; é porque o homem é livre que o mal desponta sempre, como iminente possibilidade.

ABRAHÃO C. ANDRADE

Introdução

Este artigo trata da possibilidade do mal como experiência de linguagem do ser humano. Essa realidade será constatada a partir da tarefa mesma da hermenêutica, enquanto tarefa de “surpreender” e “compreender” a falibilidade do homem na sua linguagem simbólica.

Para isso iremos desenvolver um estudo do mal se pondo como desafio a reflexão teológica e filosófica. Pois o mal, aqui, se coloca como estrutura de compreensão da ambiguidade na experiência humana. Depois veremos o mal como estrutura de sentido do homem, que é a sua propriedade de linguagem simbólica e em seguida trabalharemos o símbolo que dá-se a pensar. Finalizaremos nossa reflexão com um estudo sobre uma visão ética do mal.

O mal: Um desafio para as ciências da significação

O mal, na sua trajetória de ação, vai partir sempre da experiência humana. Sua existência é imanente ao avanço da ciência e do pensar. Pois, ontologicamente, a verdade é que o homem não se conforma com a realidade do mal. E mais ainda o que nos incomoda é não termos uma explicação plausível sobre o mal nem para a comunidade acadêmica nem para o senso comum. Para fundamentar nosso estudo recorreremos uma obra de Paul Ricoeur: *O mal: um desafio para filosofia e à teologia*.

¹ Mestre em Filosofia – UECE-CE; Bacharel em Filosofia – CES, SJ-MG; Professor das Faculdades Christus; Assessor da Pastoral de Juventude do Meio Popular e membro do Forum Libertas-Fortaleza-CE.

O estudo deste item está estruturado em três tópicos. O primeiro é uma reflexão acerca da presença dessa realidade do mal na experiência humana. Os diversos questionamentos que o filósofo faz sobre o mal e a constatação do mal no agir das pessoas. No segundo tópico, estudaremos alguns dos vários discursos sobre o mal e a importância da aporia posta pela temática no pensar filosófico. Por último, abordaremos o problema do mal como uma determinação da linguagem, perguntando se existe o mal em si ou essa realidade é uma denominação que fazemos sobre as coisas e ações no mundo da realidade.

O mal enquanto experiência humana

O problema do mal é uma das questões mais contundentes da experiência do homem. Nem a fé, nem a reflexão filosófica têm dado uma resposta satisfatória para essa realidade. Se Deus é todo poderoso, se Deus é absolutamente bom, qual o espaço da existência do mal? Assim se interroga o crente. Se existe um fundamento último de todas as coisas; se esse sentido é impreterivelmente bom, o mal não tem sustentação racional. Qual o espaço da realidade do mal? Problematisa o filósofo. Qual a real inferência do mal na experiência humana? Ou o mal se apropria dos sentimentos patológicos das pessoas e se auto-proclama existente na linguagem relativista de cada momento da história dos homens, ou, ainda, o mal existe em si, ou é pura denominação do homem? Podemos ainda perguntar: se o mal for uma denominação da experiência humana, essa denominação será moral ou essa determinação será uma denominação de linguagem? Se o mal for, um produto da linguagem, que tipo de linguagem é propriamente a do mal... Sobre essa pesquisa está posta como nervura do pensar uma abordagem ética. Todas as questões serão sempre uma tentativa de compreender a experiência e o sentido da vida do ser humano.

Paul Ricoeur, sendo o filósofo contemporâneo que mais estuda essa temática do mal, com certeza, no seu livro, *O mal: um desafio à Filosofia e à Teologia*, contribui com uma reflexão que tenta dar corporeidade à realidade do mal com a experiência da violência – a propósito, realidade ainda moderna – escreve Ricoeur:

“Uma causa principal de sofrimento é a violência exercida sobre o homem pelo homem: em verdade, fazer o mal é sempre, de modo direto ou indireto, prejudicar outrem, logo, é fazê-lo sofrer; na sua estrutura racional – dialógica – cometido por um, encontra sua réplica no mal sofrido por outro; é neste ponto de intercessão maior que o grito da lamentação é mais agudo, quando o homem se sente vítima da maldade do homem; isto testemunham tanto os salmos de David como a análise de Marx da alienação resultante da redução do homem ao estado de mercadoria”.

Eis, pois a plasticidade do mal produzido pelo homem num processo de destruição do outro e de autodestruição de si.

E “o efeito mais visível desta estranha experiência, no cerne mesmo do agir mal, é que o homem se sente vítima ao mesmo tempo em que ele é culpado”, acrescenta Paul Ricoeur.

O mal talvez não esteja no ato ruim, mas no efeito invisível no qual não se tem como justificar. O espaço do mal, pois, encontra-se na culpa, numa linguagem moral, numa linguagem não sistematizada, daí que não se pode aprender toda realidade do mal, há sempre um escape dessa realidade não física, portanto nem sempre refutável.

Os discursos sobre o mal

O filósofo francês vai tratar de vários discursos sobre o mal desde o mito até o que ele chama de estágio da “dialética quebrada”. O discurso do mito incorpora a experiência fragmentária do mal a partir da narração do surgimento do homem e do mundo. Em seguida, temos o estágio da sabedoria. A primeira explicação acerca do mal. O mal recebido é a retribuição; o sofrimento é merecimento do pecado individual ou coletivo. É como se o homem por ser limitado esteja condenado a lamentar-se porque errou. Essa é a forma de superar a ação do mal. Na Bíblia, encontramos a realidade do mal de várias formas: como destino, como merecimento ou como contestação. Ricoeur dá o exemplo do livro de Job, no qual está a saga do homem que é justo e sofredor.

Continuando com os vários discursos sobre o mal, temos a gnose, que foi um primeiro questionamento radical posto ao mundo ocidental sobre a origem do mal – afinal de onde vem o mal? Neste discurso reconhecemos a importância do pensamento de Santo Agostinho, sustentando que o mal não pode ser entendido como uma substância, porque “*pensar o ‘ser’ é pensar ‘inteligivelmente’, pensar ‘uno’, pensar ‘bem’ – Então, o pensar filosófico exclui todo o fantasma do mal substancial*”. Ora, colocar a dúvida sobre a origem da realidade do mal foi pôr o homem na ordem da investigação do sentido e da experiência. O sentido e a experiência da culpa, do sacrilégio, do pecado e da violência.

Por último, destaco o estágio da dialética “quebrada”. E por

“quebrada” é aqui entendido “a teologia que reconhece ao mal uma realidade inconciliável com a bondade de Deus e com a bondade da criação”.

Sendo o mal uma realidade inconciliável com a bondade de Deus, essa teologia afirma a existência do mal por distinção, oposição ou negação. Desta forma, temos a dialética do pensar filosófico. A partir desta lógica, podemos pensar o mal como o puro nada em relação a Deus. Mas o nada também vem de

Deus. Assim sendo, a tarefa da Filosofia é descobrir o sentido diferente do nada. Para isso recorreremos à Teologia que considera em tudo aquilo que não é escolhido pela providência da criação, ou seja, aquilo que é rejeição. E na Bíblia algo que é rejeitado existe sob o modo do nada. Desta forma, a partir da linguagem da rejeição o mal acaba sendo afirmado como um existente.

Com efeito, o estatuto do mal leva o homem a pensar, segundo a interrogação de Ricoeur:

“a sabedoria não será reconhecer o caráter aporético da pensamento sobre o mal, caráter aporético conquistado pelo próprio esforço de pensar mais e de modo diferente?”

Por isso, está colocada a fecundidade filosófica da problemática sobre o mal. Uma problemática que pensamos estar desenvolvendo na continuação do nosso estudo sobre a linguagem simbólica do mal.

Linguagem determinante

A reflexão sobre o mal foi posta no início deste texto como uma possibilidade de ser uma realidade de determinação de linguagem. E sobre uma linguagem indagativa acerca de si mesma, pela riqueza de denominação que ela se põe através das diversas realidades de compreensão do homem. Poderíamos investigar, aqui, desde uma linguagem escrita, narrativa, jornalística, poética, discursiva como sendo uma linguagem simbólica e de sentido. Com efeito, perguntamos qual a linguagem que o mal mais se adapta para obter êxito de convencimento? Ou o problema do mal não é somente uma questão especulativa, mas de convergência entre pensamento, linguagem e ação?

O mal no plano da reflexão nos leva a considerar a sua origem congênita a essa atividade da consciência que é o pensar e pensar a especificidade da ação má. Assim, o mal torna-se uma realidade portada somente pelos seres racionais. Pois qual o grau de maldade que tem um leão devorando uma lebre e qual o grau de maldade que tem um indivíduo estrupando uma criança? Ou seja, desde quando a humanidade começou a eleger na história atos maus e atos não maus? Este tipo de classificação entre bem e mal existiu sempre, isto é, o cosmos já tinha na sua constituição a visibilidade do que era bom ou do que era mau; ou foi o homem com o uso da consciência que foi denominando todas as coisas e também o seu valor? Com efeito, é aceitável que o mal seja uma linguagem da consciência humana.

Mas é pela ação que o mal ganha seu estatuto de existência visível. E esse estatuto está relacionado ao padecimento de outrem. Uma ação má necessariamente é uma ação contra o outro, mesmo quando este outro seja o indivíduo mesmo. É na ação da linguagem que se encontra o problema ético como vigília e proteção da vida humana. Diz Ricoeur que: “*toda ação ou política,*

que diminui a quantidade de violência exercida pelos homens uns contra os outros, diminui a taxa de sofrimento no mundo". É somente porque a existência do mal está na ação do homem e no seu sentido que a temática ganha relevância para a filosofia e teologia, mais do que para as demais ciências. Pois é pela ação de sentido que o mal atinge não somente a razão como o estatuto próprio do ser humano, mas atinge fundamentalmente a sensibilidade do homem.

Com efeito, a gravidade da realidade do mal, nota-se quando a ação má chega ao plano do emocional, pois é neste que se encontra o estágio da lamentação e da queixa contra Deus bondade. É pela via do sentimento que o homem chega a medir sua experiência de felicidade ou de sofrimento. É, pois, através da experiência no campo do sentimento que o homem entra em confusão de fé e dúvida da racionalidade da sua própria ação. Portanto, o mal é essa linguagem simbólica que atinge o sentimento mais profundo do ser humano que é sua ligação, por meio da ação, com uma vida transcendente, fundamento último da existência do homem, que não pode ser suprimida por uma relação invertida, estranha a ela mesma – o mal.

A temática estudada é um desafio, porque o homem sempre buscou resposta para todas as coisas. E o mal é uma realidade que se apresenta como uma aporia no sentido de que não temos a clareza da sua origem nem da sua materialidade. Todo saber do homem acerca do mal é a partir da experiência humana. É no mundo vivido que encontramos violência, sofrimento físico e moral, medo do limite da vida provocada por seres naturais e sobrenaturais.

O grande mote de Guimarães Rosa (romancista do estado de Minas Gerais-Br.), no seu livro "*Grande Sertão: Veredas*", é a presença do mal na vida do homem do sertão. Desde a trama de vingança, da desconfiança da existência do mal à denominação mesmo do mal como um ser ruim, possível de se nomear: de Diabo, ou

"O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...".

Todo esses nomes ganham uma dimensão simbólica e ajudam o homem comum a identificar a sua experiência relacional com algum ser mau. É a experiência humana que reivindica uma resposta razoável acerca do mal ou confirma que o mal é uma denominação do homem sobre coisas, ações e fenômenos.

Paul Ricoeur, através da reflexão filosófica, toma essa realidade fenomênica do mal e o coloca como um desafio motor para o pensar, para a tentativa de fundamentação última do sentido da vida, portanto numa compreensão do mal como uma realidade metafísica, ética e não como superstições do senso comum. O espaço propício do mal se encontra, pois, numa linguagem simbólica, enquanto campo de estudo de sentido da hermenêutica.

O símbolo dá-se a falar

A chave de significação da linguagem na simbólica do mal, para nosso pensador, se constrói dentro de uma reflexão hermenêutica. Ricoeur adota uma reflexão de sentido sobre a questão do mal para o sujeito através da mediação da linguagem dos símbolos. Ou seja, para ele

“é preciso pensar, de modo nenhum por trás dos símbolos, mas a partir dos símbolos, segundo os símbolos, que a sua substância é indestrutível, que eles constituem o fundo relevante da fala que habita entre os homens – o símbolo dá que pensar”.

Vemos, pois, que uma reflexão de sentido encontra-se na interpretação da linguagem simbólica. Pois o símbolo, dando o que pensar, emancipa o sujeito. Lança o homem para a comunidade de compreensão reflexiva e militante de sentido. É a linguagem simbólica, a mediação fundante do sujeito enquanto si, que está aberto à totalidade das realidades, sendo construído de significação recíproca entre o sujeito e as várias realidades. O si compreende o outro e se compreende enquanto hermenêutica dos símbolos. Ricoeur, assim, afasta-se de qualquer mitologização icônica do pensar.

A tarefa da hermenêutica, primeiro, é levar em conta que a formação do pensamento do homem dá-se a partir da realidade dos símbolos. Este pensamento existe como abertura para também se pensar o mal. Pois, o mal deve ser tomado numa linguagem simbólica, ou seja, deve ser tomado num complexo de linguagem. Na segunda tarefa da hermenêutica, o mal não deve ser considerado uma coisa ou uma reflexão abstrata, porque se trata aqui de uma atividade de linguagem. A terceira tarefa da hermenêutica é que somente dentro de uma visão ética do mal é que se pode dar conta da totalidade de sentido da linguagem do homem.

Ricoeur nos instiga a uma precisão maior de significação desta discussão filosófica a respeito do mal. Diz ele que:

“o momento histórico da filosofia do símbolo é este de esquecimento e de restauração. Esquecimento dos hieróglifos, esquecimento dos signos do sagrado”

e esquecimento de si. Isso torna para o homem uma marca muito forte de perda do seu referencial último de sentido. Pois bem, o esquecimento do sagrado põe no homem a necessidade de se relacionar tecnicamente com o mundo. O mundo é agora uma hermenêutica plural de símbolos como um presente dado ao homem pela modernidade. Tudo é possível racionalizar. Estamos no mundo do pensamento racional. “*Somos todos herdeiros da filosofia, da exegese, fenomenologia da religião, da psicanálise da linguagem*”; mundo fértil de possibilidade para o paradigma da linguagem.

É, pois, no paradigma da linguagem que se pode restaurar de novo a significação mais plena do homem. Restaurar a partir destas várias ciências da linguagem e prioritariamente por meio da hermenêutica. Pois, “*não existe linguagem simbólica sem hermenêutica*”, segundo Paul Ricoeur. O trabalho da hermenêutica será dissolver o mito-explicação através da crítica como caminho necessário para restauração do mito-simbólico. Uma crítica que não seja reduzida a ela mesma, mas uma crítica restauradora de sentido.

Desde então, a tarefa da filosofia do símbolo foi de romper com os impedimentos do encantamento da consciência e quebrar o privilégio da reflexão sobre todas as realidades. “*O símbolo dá a pensar que o cogito é interior ao ser e não o inverso*”, isso significa que é o símbolo que dá. Não colocamos sentido, pois é ele que dá o sentido. Essa doação do símbolo é posição de ‘pensar’. Portanto, o homem pensa enquanto intérprete de todos os símbolos e mitos. Aqui se encontra no horizonte de pensar do homem todos os símbolos da culpabilidade – desvio, errância, sujeição – todos os mitos – caos, obstinação, queda, pois são eles que determinam a situação do ser. É, a partir mesmo dos símbolos, que o homem pode elaborar o seu conceito existencial, não somente a sua estrutura reflexiva, mas também sua estrutura de existência de sentido.

Em Ricoeur, vimos que o pensamento se forma no desafio a partir dos símbolos e que o mal é uma linguagem complexa do símbolo, ou seja uma simbólica, portanto, a pergunta é como o mal se aloja na linguagem da razão? Essa reflexão Paul Ricoeur constrói a partir da filosofia de Kant, mas precisamente através do estudo kantiano: “*A religião nos limites da simples razão*”, no qual Kant vai tematizar o mal radial.

Neste estudo, Ricoeur analisa a articulação que Kant vai desenvolver em três momentos do seu trabalho: 1) a situação do mal; 2) a sua racionalidade e 3) a sua origem. No primeiro estágio, o mal se encontra nas máximas da vontade, nas grandes regras gerais, constitutivas da racionalização prática. “*O mal não pode constituir em nada além de um reviramento de prioridades, uma inversão, uma subversão no plano das máximas da ação*”. Por isso, o mal não pode ser acusado nem de “rigorismo” nem de “niilismo”, pois tanto o desejo como a razão, propriedades idênticas ao mal, ambas na reflexão de Kant, segundo Ricoeur, são inocentes. O mal, na verdade, consiste na perversão de uma relação, ou seja, no pensamento kantiano, o mal vai consistir na perversão da ordem de prioridades entre a lei e o desejo. Assim sendo, o mal neste primeiro momento se preserva no plano existencial do formal.

No segundo estágio na abordagem sobre a racionalização do mal faz-se a pergunta pelo fundamento das máximas más. Pois deve ser possível chegar ao mal através de uma única má ação consciente, reflexo de uma máxima má a priori como fundamento:

“dessa máxima um fundamento geral, inerente ao sujeito, de todas as máximas moralmente más, fundamento que seria máxima por sua vez, com o fio de poder qualificar um homem como mau”.

Com efeito, para Ricoeur a forma de chegar à realidade do mal a partir deste fundamento de racionalização, ou seja, através de uma máxima, a priori má, só pode ser por meio de uma hermenêutica da dedução. Porque aqui não se trata de um conceito empírico. A inclinação ao mal é da ordem da ação do intelecto, *“apreendida a priori como uma estrutura do livre-arbítrio”*. É essa disposição do mal que leva a afirmar que, por mais radical que ele seja, sua presença inferirá no máximo, fazendo com que deixemos de estar abertos ao apelo da consciência. Porque a sua estrutura de existência é uma possibilidade de ação. *“O mal radical é, pois, o inteligível que justifica as manifestações empíricas do mal”*. Daí, que segundo Ricoeur, a partir desta reflexão, o mal permanece contingente, ainda que sempre presente.

Terceiro estágio: a origem do mal. Neste estudo Ricoeur recorre a hermenêutica filosófica aplicada às Escrituras bíblicas. Essa hermenêutica separa duas significações da noção de origem: uma origem no tempo e uma origem racional. A primeira leva em conta os acontecimentos da falta na narrativa bíblica. O perigo dessa significação de origem no tempo é pôr a idéia de causa numa dinâmica do espaço livre; outro risco é de se levar uma investigação regressiva ao infinito, portanto a não origem. Nos resta, pois, estudar a origem do mal do ponto de vista racional.

Ricoeur cita Kant numa das suas explicações racionais sobre a origem do mal. Para ser mais preciso, essa explicação kantiana, segundo nosso autor, tem um caráter positivo. Diz a citação:

“Quanto à origem racional dessa inclinação para mal, ela permanece para nós impenetrável porque ela deve ser-nos imputada e porque, conseqüentemente, esse fundamento supremo de todas as máximas exigiria, por sua vez, a admissão de uma má máxima [...]; não existe pois para nós razão compreensível para saber de onde o mal moral poderia, de início, ter vindo a nós”.

Ricoeur comenta que Kant nesta reflexão se aproxima da narrativa bíblica que nos aponta a uma espécie de “destino sublime da origem”, ou seja, essa situação nos força a um caminho de certeza da incerteza como origem verdadeira. Portanto, mais uma vez essa reflexão sobre o mal, enquanto linguagem não fecha o conhecimento, mas nos põe no caminho da regeneração do saber, compreendido como incômodo do limite. Assim toda realidade racional do homem existe através da mediaticidade da linguagem que afirma até mesmo o mal.

O que fica claro neste estudo sobre o mal radical que Ricoeur faz, a partir do trabalho de Kant, é que ele visualiza o aspecto trágico e paradoxal do

mal: “*o mal está sempre aí, é anterior a mim, mas sou eu que o faço advir*”. Somos constituídos de liberdade. Pois bem. O mal começa pela liberdade, mas já está aí para a liberdade, ou seja, o mal é surgimento e antecedência de liberdade. Ora, toda essa especulação filosófica sobre o mal radical não nos deu uma resposta satisfatória a respeito de um conhecimento claro e evidente da realidade do mal. Sabemos que não poderíamos obter uma totalidade da realidade do mal do ponto de vista da filosofia do ser, pois o mal se configura como esse complexo de linguagem, da qual estamos chamando de linguagem simbólica do mal. Daí, passamos para outra margem do mesmo rio da investigação que é a elaboração ricoeuriana de uma visão ética do mal.

A dimensão ética do mal

A forma de nos aproximarmos desta realidade do mal é sair do plano da especulação abstrata de nosso estudo e construir uma reflexão no plano das implicações éticas da ação do homem. A perplexidade deste estudo é que, por trás destas expressões racionalizadas e especulações filosóficas, quem nos oferece uma melhor explicação da realidade do mal ainda é, por um lado, o mito com as suas narrações de origem e, por outro, a linguagem das ações morais do homem.

“Os mitos já não são hoje, para nós, explicações da realidade, mas, precisamente porque perderam a sua pretensão explicativa, eles revelam uma significação exploradora; eles manifestam uma função simbólica”, portanto, a linguagem dos mitos nos serve como ligação entre o medo do homem e o seu desejo de explicação originária do acontecimento. O mito torna-se o laço entre o homem e aquilo que ele considera como seu sagrado. O mito é na verdade uma linguagem de ação, pleno de conteúdo ético. Com efeito, uma visão ética do mal nos tira também do perigo especulativo do problema, mas nos coloca na experiência tenebrosa do mal que se manifesta de diversas maneiras na simbólica do mal.

O fenômeno da confissão, por exemplo, é a descrição das significações da experiência em geral: coisas, valores, atos, mas, sobretudo, a confissão é declaração da consciência da falta, com efeito, confissão do mal. Portanto, a linguagem da confissão é simbólica. O que tem de mais notável nesta linguagem simbólica, exemplificado aqui, na linguagem da confissão, é a propriedade de sua abertura à significação. Tanto podemos trabalhar com a linguagem do mito como estudar com a linguagem do campo ético. A confissão pode ser estudada no âmbito do rito, ou em relação com o mito da queda como pode ser visto a partir do reclame do ethos humano. Pois, “*o símbolo, dá-se a falar*”.

Trataremos, pois, mais especificamente sobre o sentido do problema do mal e seu sentido dentro de uma visão ética. Ricoeur trabalha duas relações do sentido ético do mal: A questão da liberdade e da obrigação. Essas duas propriedades já em si são compreensões complexas de alojamento do mal. São

aquilo que na reflexão que fizemos da leitura que Ricoeur faz de Kant, chamamos de desejo e lei moral.

Paul Ricoeur começa com uma proposição para refletir sobre o problema da liberdade. “*Afirmar a liberdade é tomar sobre si a origem do mal*”. Nesta proposição fica evidente o laço estreito entre mal e liberdade. O mal existe na liberdade. Ricoeur diz: “*eu sou o autor do mal*”. Com isso, Ricoeur quer afastar a argumentação de que o mal existe com conteúdo de natureza substancial, isto é, em forma de determinismo psicológico ou sociológico.

“Fui eu que fiz o mal... Ergo sum qui feci. Não há mal-ser. Apenas há o mal-fazer-por-mim. Tomar sobre si o mal é um ato de linguagem assimilável ao performativo, no sentido em que é uma linguagem que faz alguma coisa; ela imputa-me o ato”.

É a liberdade de fazer que qualifica o mal, com efeito, o mal torna-se revelador da liberdade. Portanto há uma relação recíproca. A ação do mal é assimilada pelo sujeito que se encarrega de fazer a reparação. A linguagem do mal ao mesmo tempo que lança o homem para frente do ato, consciência da conseqüência, transporta-o para trás do ato no sentido de se dá conta de que não somente fez, mas que poderia ter feito de forma diferente. Esse é o selo da consciência do ato livre, portanto o selo da plausibilidade do mal.

A segunda questão da visão ética do mal é o problema da obrigação. Ricoeur fundamenta a propriedade da obrigação a partir mesmo da experiência: “*teria podido fazer de outro modo*”. O homem que se reconhece com poderes de ação faz com o poder do dever, ou seja, a lei interior: “*tu deves*”, torne-se uma obrigação.

Com efeito, com a propriedade de agir segundo uma lei interior, o homem pode com a mesma intensidade agir contra. Essa ação pode trazer ao homem o remorso, que segundo nosso autor, o remorso é a “*experiência da relação da liberdade à obrigação*”. A liberdade é poder agir segundo uma lei interior, portanto uma ação de obrigação.

Ricoeur põe uma nova determinação do mal, por ser uma nova determinação de liberdade. Essa nova determinação do mal, Ricoeur cita em termos kantianos na seguinte reflexão conceitual: o mal

“é a inversão da relação entre o móbil e a lei no interior da máxima da minha ação. Esta definição compreende-se assim: se chamo máxima ao enunciado prático daquilo que eu projeto fazer, o mal não é nada em si, nem na natureza, nem na consciência, senão uma certa relação invertida; uma relação, não uma coisa, e uma relação invertida, em atenção a uma ordem de preferência e de subordinação indicada pela obrigação”.

Desta forma o mal é essa linguagem livre de um objeto de ação, por estar no campo de uma linguagem de significação da ação. O mal existe apenas pelo ato de tomar sobre si aquilo que não deveria existir, ou seja, uma não-

relação, um agir contra como confissão do mal, isso é a configuração de uma relação invertida.

É na experiência mesma de liberdade que o homem; constantemente, declara não conhecer a origem da sua liberdade má. É esse paradoxo ético que parece contradizer a afirmação anterior de que o mal era aquilo que o homem teria podido não ter feito. Isso é contraditório porque para uma visão ética do mal essa proposição é verdadeira, mesmo que simultaneamente vem a declaração de que *“o mal é este cativo interior que faz com que eu não possa não fazer o mal”*. Para Ricoeur essa contradição é interior à liberdade, *“ela marca o não-poder do poder, a não-liberdade da liberdade”*. O trágico de uma visão ética do mal é que ela elucida a declaração do conhecimento da origem da sua liberdade como sendo o lugar onde pode esperar ser libertada, ou seja, o lugar onde a liberdade não se reconhece com sua propriedade fundante que para libertar. Portanto Ricoeur, a partir da filosofia de Kant, caracterizou o problema do mal como um problema ético, costurando uma dupla relação do mal: obrigação e liberdade.

Conclusão

A linguagem é na verdade o grande trunfo da filosofia de Paul Ricoeur. Esse foi o objeto de nosso estudo. Fizemos uma abordagem reflexiva a partir do instrumental da interpretação. Pois somente através da hermenêutica foi possível navegar na compreensão de uma linguagem simbólica, enquanto uma linguagem que desvela a realidade do mal. O mal, com efeito, sempre foi dito simbolicamente. E no pensamento de Ricoeur não há linguagem simbólica sem uma hermenêutica.

Ao nosso pensar, está colocado o conteúdo sobre a linguagem simbólica do mal. Uma linguagem que se põe como um complexo de compreensão de linguagem e que se constitui aqui neste estudo de várias formas. Desde o mal como um desafio para as ciências da significação até uma visão ética do mal.

Explicitaremos melhor o conteúdo da linguagem simbólica do mal produzido neste artigo. Com efeito, essa linguagem se constitui, no pensamento de Ricoeur, como uma linguagem de necessidade, ou seja, uma linguagem da falta, do reclame da consciência acusativa, expressa através da experiência humana. A linguagem simbólica do mal também está colocada aqui como propriedade dos vários discursos sobre o mal: mito, gnose, *“dialética quebrada”* e também numa linguagem determinante.

Uma pesquisa que trata da temática sobre a linguagem simbólica do mal a partir do pensamento de Paul Ricoeur torna relevante a teoria do *“símbolo que se dá a pensar”*. Nós, entretanto, vimos nesta idéia a constituição de uma linguagem da transgressão, pois o símbolo é livre. É ele que se doa como possibilidade de pensar. O homem dá significação ao símbolo, porque no símbolo já tem propriedade de significação. A transgressão é, exatamente, esta relação invertida no campo da significação.

Ao elaborar, ainda, uma reflexão sobre a linguagem simbólica do mal nos veio a pergunta por uma explicitação mais contundente sobre a problemática ética. É bem verdade que Ricoeur não tem uma contribuição em termos de obra específica sobre este tema, mas ele optou por permear a preocupação ética na construção da sua reflexão filosófica. Portanto, encontramos elementos do mundo ético em seu transitar teórico, na medida em que é o homem, na sua vontade de liberdade, de esperança e de sentido que compõe a atividade de sua linguagem.

Ricoeur, no campo ético como na hermenêutica, navega entre posições opostas com o intuito de construir uma articulação de sentido em tudo aquilo que é produção do homem. O texto, o homem e o mundo são realidades abertas à interpretação. Esta é uma característica fundamental no pensamento ricoeuriano. Daí o espaço para ele pensar até mesmo numa visão ética do mal.

Este trabalho para ser coerente com o nosso autor é uma produção aberta à interpretação. Foi um caminho longo de leitura, reflexão e construção no anonimato dessa metamorfose da linguagem simbólica do mal. Mas chegamos pelo menos ao ponto de partida do pensamento de nosso autor, que é a busca radical do sentido para o homem e o início desta busca está na apropriação de uma hermenêutica da suspeita, aberto à significação presente na realidade simbólica de linguagem.